Todos os anos, a Sexta-feira Santa irrompe em nossas vidas como um espelho incômodo. Não é uma celebração alegre, nem um rito vazio pelo qual possamos passar sem sermos tocados interiormente. No fundo, é uma pergunta direta ao coração: **que tipo de relação temos realmente com Cristo?**

Porque existe uma diferença profunda — ainda que muitas vezes imperceptível — entre **admirar Jesus** e **segui-lo de verdade**.

E a Sexta-feira Santa, em toda a sua dureza, não permite ilusões.

---

1. O drama da Sexta-feira Santa: mais do que uma memória, um julgamento sobre a nossa fé

A Sexta-feira Santa não é simplesmente a comemoração de uma execução injusta ocorrida há mais de dois mil anos. É a **atualização viva do mistério da Cruz**, onde se revelam simultaneamente o amor infinito de Deus e a resposta ambígua do ser humano.

Na Paixão encontramos todos os possíveis rostos da fé:

- Aqueles que **aclamavam Jesus** no Domingo de Ramos… e poucos dias depois gritam "Crucifica-o!"
- Aqueles que **o seguem de longe**, como Pedro
- Aqueles que **o abandonam**, como a maioria dos discípulos
- Aqueles que **observam sem agir**, como Pilatos
- E aqueles que **permanecem fiéis**, como Maria e o discípulo amado

Esse mosaico não é apenas história. É **um retrato da nossa própria alma**.

O Evangelho nos oferece um aviso claro:

> *"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai" (Mateus 7,21)*

Aqui está a chave: **a fé autêntica não é simples admiração, mas obediência, entrega**

e verdadeiro seguimento.

---

2. Admirar Cristo: uma fé confortável… mas insuficiente

Vivemos numa época em que Jesus é amplamente aceito… desde que não incomode demasiado.

Ele é admirado como:

- Grande mestre moral
- Símbolo de amor
- Defensor dos pobres
- Figura inspiradora

Mas esse tipo de relação com Cristo, embora pareça positivo, pode ser profundamente superficial.

Admirar não implica compromisso.

Podemos admirar sem mudar de vida.
Podemos admirar sem renunciar ao pecado.
Podemos admirar sem carregar a cruz.

E aqui está o perigo: **uma fé reduzida à simpatia é uma fé que não salva**.

O próprio Jesus deixa isso claro:

> *"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me" (Lucas 9,23)*

Seguir implica:

- Renúncia

- Conversão
- Sacrifício
- Fidelidade no oculto

Não basta emocionar-se diante da Cruz. É preciso **subir nela com Cristo**.

---

3. Seguir Cristo: uma fé que transforma a vida

Seguir Cristo significa entrar numa relação real, viva e exigente com Ele.

Não é uma ideia.
Não é uma emoção passageira.
É uma decisão diária.

Do ponto de vista teológico, seguir Cristo implica participar do seu mistério pascal:

- Morrer para o pecado
- Viver para Deus
- Configurar-se a Ele

São Paulo expressa isso com uma radicalidade impressionante:

> *"Fui crucificado com Cristo; já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gálatas 2,20)*

Este é o núcleo da vida cristã: **a transformação interior**.

A Sexta-feira Santa nos recorda que:

- Não há cristianismo sem a Cruz
- Não há amor verdadeiro sem sacrifício
- Não há ressurreição sem morte prévia

---

4. A Cruz hoje: o grande escândalo do nosso tempo

Numa sociedade que foge do sofrimento, do sacrifício e de qualquer forma de limite, a Cruz torna-se incômoda, até mesmo escandalosa.

Hoje busca-se:

- Sucesso sem esforço
- Amor sem compromisso
- Liberdade sem verdade

Mas a Cruz desmonta todas essas ilusões.

Ela nos diz que:

- O amor autêntico **custa**
- A verdade **exige**
- Uma vida plena passa pela entrega

Por isso, muitos preferem um Cristo "adaptado", sem exigências. Um Cristo que inspira… mas não transforma.

No entanto, a Sexta-feira Santa nos reconduz ao Cristo real:

- Ferido
- Rejeitado
- Entregue até o fim

Um Cristo que não veio para agradar, mas para **salvar**.

---

5. Onde estamos nós na Paixão?

Esta é a grande pergunta pastoral da Sexta-feira Santa.

Não basta contemplar a cena.
É preciso **situar-nos dentro dela**.

Somos como:

- Pedro, que promete fidelidade, mas falha na prova?
- Pilatos, que reconhece a verdade, mas não age?
- A multidão, que se deixa levar pela opinião dominante?
- Ou Maria, que permanece fiel no sofrimento?

A resposta não deve ser teórica. Deve ser **existencial**.

Porque todos os dias temos a oportunidade de:

- Defender Cristo ou negá-lo
- Escolher a verdade ou o conforto
- Amar até o fim… ou recuar

---

6. Aplicações práticas: viver a Sexta-feira Santa todos os dias

A Sexta-feira Santa não termina quando saímos da igreja. Ela continua na vida cotidiana.

a) Na família

Amar quando é difícil. Perdoar quando dói. Permanecer quando seria mais fácil partir.

b) No trabalho

Agir com integridade, mesmo que tenha consequências. Não trair a própria consciência.

c) Na vida espiritual

- Rezar mesmo quando não se sente nada
- Ser fiel nas pequenas coisas
- Buscar a vontade de Deus acima da própria

d) No sofrimento

Acolher a cruz sem desesperar, unindo-a à de Cristo.

Como diz a Escritura:

> *"Se morremos com Ele, também com Ele viveremos; se perseverarmos, também com Ele reinaremos" (2 Timóteo 2,11-12)*

---

7. Uma fé que passa da admiração à entrega

O grande fruto da Sexta-feira Santa deveria ser este: **passar de espectadores a discípulos**.

Não basta dizer:

- "Como é belo o Evangelho"
- "Que exemplo admirável"

É preciso dar o passo decisivo:

- "Senhor, quero seguir-Te de verdade"

Isso implica:

- Sair das zonas de conforto
- Romper com o pecado
- Reordenar prioridades
- Viver para Deus e não para si mesmo

Conclusão: o silêncio da Cruz nos interpela

A Sexta-feira Santa termina em silêncio. Cristo morre. Tudo parece perdido.

Mas nesse silêncio esconde-se uma verdade poderosa:

Deus amou até o fim. Agora cabe a nós responder.

A Cruz não pede aplausos.
Pede conversão.

Não busca admiradores.
Busca discípulos.

E a pergunta permanece aberta, direta, inevitável:

Quando tudo se obscurece, quando seguir Cristo se torna difícil, quando a fé exige…
seguimos Cristo… ou apenas o admiramos?